

Fernando Pessoa – Loucura, Mito e Mistificação da Realidade

Luís Miguel Roza Dias e Maria do Sameiro Barroso

Fernando Pessoa, nascido em 1888, morou até aos 5 anos de idade num prédio do Largo de São Carlos, em Lisboa, juntamente com os seus pais e com a avó paterna D. Maria Dionísia Seabra Pessoa que, segundo consta, não gostava de crianças e já nessa altura apresentava perturbações mentais, com acessos de loucura violentos que a obrigavam a ficar internada em «Rilhafoles»¹.

Entretanto o pai, Joaquim Pessoa adoeceu gravemente com tuberculose. Ao casal nasceu um segundo filho, Jorge que foi sempre uma criança de saúde frágil. O pai foi viver para uma quinta para o campo para «mudar de ares» mas não melhorou, tendo falecido em 1893. A família mudou-se para um andar mais modesto na R. de S. Marçal, onde viveram a mãe, Maria Madalena, o Fernando, o seu irmão Jorge, que veio a falecer em 1894 e a avó Dionísia. Um ano depois, em 1895, a avó Dionísia piorou da sua loucura, com ataques de fúria muito violentos, tendo sido novamente internada em Rilhafoles.

Em Dezembro de 1896, a mãe, (minha avó) Maria Madalena casa em segundas núpcias com o Comandante João Miguel dos Santos Roza. O Fernando, juntamente com a mãe, parte de barco para a África do Sul no mês de Janeiro seguinte, para se encontrarem com o padrasto e marido que era Cônsul de Portugal em Durban capital da colónia inglesa do Natal (África do Sul). Desde essa data fica a viver com a mãe, padrasto e novos irmãos que entretanto nascem nesse novo país onde estuda uma nova língua e novos hábitos, embora sem nunca deixar de falar e ler o português que era o que se falava obrigatoriamente em casa.

Em 1901 regressa a Portugal, para férias, com a família, fazendo escala na Ilha da Terceira onde vive a família da mãe e daí para Lisboa. Acabadas as férias, já em Julho de 1902, a família regressa à África do Sul, mas o Fernando ainda permanece mais dois meses em Portugal, numa quinta em Cruz Quebrada convivendo com as tias Maria e Rita (da família materna) e com a avó Dionísia que com elas coabitava. Terá regressado sozinho a África no Paquete Herzog em Setembro de 1902, com 14 anos.

Em 1905, com 17 anos, Fernando Pessoa regressa a Portugal onde permanecerá até à sua morte, tendo ido viver novamente com as tias Maria e Rita e avó Dionísia na Rua da Bela Vista à Lapa. A família volta a Lisboa em 1906 para umas breves férias, vai morar numa casa na Calçada da Estrela. Fernando vai viver com ela nesse período, mas regressará ao convívio das Tias e avó

¹ Fundado em Lisboa, a 13 de de Dezembro de 1848, no convento de S.Vicente de Paula, era um hospício destinado a controlar os doentes mentais graves, antes da descoberta dos psicotópicos modernos (cloepromazina em e benzodiazepinas, em (Pierre Pichot, Barahona Fernandes, *Um século de Psiquiatria e A Psiquiatria em Portugal, (Un Siècle de Psychiatrie)*, trad. Ana maria Coelho de Sousa, Lisboa, Roche Farmacêutica Química, Lda., 1984, p. 254).

após as ditas férias. Entretanto a avó Dionísia piora das suas crises de loucura! Fernando passa a viver na casa da Tia Anica (irmã da mãe e com quem tinha muita afinidade) e com os primos com quem brincara quando anteriormente tinha estado nos Açores (Ilha da Terceira).

Aos 18 anos, Fernando abandona o Curso de Letras e interroga-se sobre a sua verdadeira personalidade², deixando expresso o seu medo da loucura, patente numa continuada auto-análise e numa procura de diagnóstico e cura: «Cada dia que me via mais velho via alargar-se um abismo assustador. Eu era um génio, percebi a verdade, e também vi esta outra verdade: que, sendo um génio, eu era um louco.»³.

Em carta de Faustino Antunes - Fernando Pessoa fazendo-se passar por psiquiatra, escreve: «Trata-se sem dúvida alguma de um neurasténico vesânico. A vulgar neurastenia, ou as influências que a produzem, ao cair num fundo de degenerescência, perturbou, por assim dizer, uma organização mental caracteristicamente hysteriforme, para não dizer histérica. Sobre este diagnóstico, não tenho dúvidas. O que eu gostaria de fazer era a história da doença de Pessoa, ou, melhor dizendo, a história progressa. Gostaria de conhecer a sua psicologia, saber de que maneira, por que canais a neurastenia actual se enraizou neste pobre temperamento hiposténico de nascença»⁴.

A sua conclusão é a seguinte: «O seu carácter pode resumir-se assim: precocidade intelectual, imaginação prematuramente intensa, malevolência, medo, necessidade de isolamento. É um neuropata em miniatura»⁵.

Fernando Pessoa, com 18 anos, independente, inscrito na Faculdade de Letras, adolescente em pré idade adulta e com uma mentalidade e cultura muito mais avançada do que os jovens da sua época, começou a conviver com o irmão do seu padrasto, o General Henrique dos Santos Roza. Ia frequentes vezes a casa deste, no Príncipe Real, onde conviveu com uma plêiade de amigos do seu «tio», altamente cultos, de tendências liberais muito avançadas para a época, como Augusto Gil, Forjaz Trigueiros Teixeira de Pascoais e o médico Neurologista Egas Moniz⁶.

² Escrevendo: «Não sei que destino ou futuro compete à minha angústia sem leme? (Lisboa Revisitada – Alvaro de Campos). Entretanto a avó Dionísia morre e deixa-lhe uma pequena herança que ele aproveita para comprar material para uma futura Tipografia a que dará o nome de Ibis.

³ Fernando Pessoa, *Escritos automáticos e de Reflexão Pessoal*; edição e posfácio Richard Zenith, colaboração Manuela Parreira da Silva, traduções Manuela Rocha, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003, p. 61

⁴ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p. 67.

⁵ *Ibidem*.

⁶ O próprio Henrique Roza era muito culto, escrevia poesia, era também de tendências liberais e anti-clericais, tendo influenciado, à sua maneira, um Fernando Pessoa adolescente mas inteligente e culto (!) que além, disso ajudava o seu parente em varias tarefas ditas burocráticas. Ver as indicações das referências aos encontros do Fernando com o Henrique Roza, Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p.p. 41 (1906), 108 e 113 (1913), 119, 124,150 e 170.

Num encontro que tive com o Dr. António Macieira Coelho, sobrinho do Prof. Dr. Egas Moniz, referiu-me que o dito seu tio tinha sido consultado por o Fernando Pessoa⁷). Desta consulta teria resultado a informação do Dr. Egas Moniz ao Fernando Pessoa, de não ter encontrado nenhuns indícios de loucura actual ou eminente, tendo aconselhado o Fernando a iniciar um tratamento de ginástica respiratória e aconselhado a dirigir-se ao Dr. Luís Furtado Coelho especialista na dita ginástica, que, segundo consta, tinha trazido da Suécia, depois apelidada, «Ginástica Sueca»! Justamente é esta referência à dita consulta que transcrevo:

«Quando em 1907, o Prof. Egas Moniz, para fins ginásticos, me passou para as mãos de Luís Furtado Coelho, para ser cadáver só me faltava morrer. Em menos de três meses e a três lições por semana, pôs-me Furtado Coelho em tal estado de transformação que, diga-se com modéstia, ainda hoje existo --- com que vantagem para a civilização europeia, não me compete a mim dizer.»⁸.

Provavelmente, quando a minha mãe me informou, que o seu irmão Fernando tomava o seu banho diário sempre com água fria, fosse verão ou inverno, isso seria devido aos ensinamentos que o Dr. Furtado Coelho lhe prescrevera e ele adoptara⁹.

A imagem que a minha família guardou de Fernando é a de uma pessoa essencialmente voltada para os livros, que, convivendo diária ou semanalmente com ela, era, poderemos dizer, um solitário na sua maneira de estar, sendo os seus hábitos, procedimentos ou atitudes totalmente normais, sem atitudes coléricas ou manifestações de depressão evidentes. Poderia estar preocupado com a influência hereditária da loucura da sua avó Dionísia, mas nunca fez uma catarse das mesmas com a família, especialmente com a irmã (minha mãe) com quem tinha uma convivência próxima e afectiva, nem manifestou nunca sintomatologia evidente de perturbações de doença mental. A minha mãe, sua irmã, nunca nos referiu nada de anormal nesse sentido. Preocupava-se o irmão bebia demasiadas bebidas alcoólicas, mas referia que nunca ninguém o tinha visto ébrio.

Após o testemunho do Dr. Luís Miguel Roza Dias que seguindo de perto o percurso de vida de seu tio, apontou o impacto dramático dos acessos de loucura da avó Dionísia que constituem o pólo exógeno do seu medo da loucura, abordaremos aquilo a que designamos como o pólo endógeno desse medo, procurando aclarar como é que a loucura, inerente à génese dos

⁷ Muito provavelmente induzido pelo seu «tio» General Henrique Roza, grande amigo de Egas Moniz.

⁸ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p. 70.

⁹ Sabe-se também que o Fernando Pessoa teria aconselhado o seu amigo Mário de Sá Carneiro a consultar o Prof. Egas Moniz em virtude do sucesso que tivera consigo, mas penso que infelizmente o Mário ou não teria ido à consulta, ou o seu problema era outro muito mais grave, que o levou infelizmente ao suicídio.

processos criativos se articula com a capacidade de gerir o tumultuoso fluxo da grande desordem de ideias, imagens e palavras a que preside o exercício de uma grande liberdade interior.

As relações entre criatividade e loucura são obscuras e complexas. Para Pierre Jean Jouve: “A todos os espíritos com interesse pela substância da arte e o seu limite se levantou o problema entre génio e loucura. (...) Em suma, luta entre dois termos igualmente desconhecidos porque ignoramos o que é génio, embora não ignoremos menos o que é a loucura através das suas formas múltiplas. Sabemos, pelo menos, que dores desconhecidas, insondáveis, acompanharam algumas altas criações.”¹⁰.

O testemunho do poeta, Pierre Jean Jouve encontra eco na formulação de Jean–Pierre Olié e Christian Spadone, psiquiatras e professores de Psiquiatria: “Génio e loucura estão longe daquilo que é vivido pelo comum dos mortais; existe a mesma dificuldade em compreendê-los. Esta impenetrabilidade, esta distância incitam a aproximá-los. (...) Não escreveu Arthur Schppenhauer: «O génio e a loucura têm um lado em que se tocam, passam um pelo outro?»”¹¹.

As teorias psiquiátricas mais recentes esclarecem que: “A sintomatologia das psicoses gira em torno de dois pólos: delírio e défice. Imaginação transbordante, riqueza fantasmática e delírio parecem por vezes nutrir algum parentesco. Passa-se de modo diferente com a parte deficitária, que se caracteriza sobretudo pelo entrave ao exercício das potencialidades individuais, afectivas, emocionais, intelectuais ou relacionais. Dizia-nos um pintor contemporâneo de reconhecido talento: «A minha pintura permite-me que permaneça em contacto com a realidade.» Isto ilustra a complexidade das interacções entre o artista e a sua obra.”¹².

Apesar da complexidade que envolve estes processos, parece claro que, em Fernando Pessoa, o possível pólo delirante sempre passou pelo crivo da sua racionalidade. Quanto ao pólo deficitário, não parece haver indícios de que tenha existido. Tudo o que eventualmente foi deficitário em termos emocionais e ao nível da sua vida afectiva parece ser consequência de uma opção lúcida, consciente e voluntária.

O impulso criativo é uma espécie de *daimon*, impõe-se desde logo, derrubando barreiras, destruindo normas, condicionando comportamentos, opções, impondo um estilo de vida, como nos dá conta Fernando Pessoa:

«Não conto gozar a minha vida; nem gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha que o meu corpo e a alma lenha deste fogo»¹³.

¹⁰ Pierre Jean Jouve, *Loucura e Génio (Folie et genie)*, tradução de António Moura, Lisboa: Hiena, 1991, pp. 23-24.

¹¹ Jean-Pierre Olié, Christian Spadone, *As novas faces da loucura (Les Nouveaux Visages de la Folie)*, tradução Fernando Tomaz, Lisboa: Instituto Piaget, 1996, pp. 90-91.

¹² Jean-Pierre Olié, Christian Spadone, *ibidem*.

¹³ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p. 105.

Loucura e génio, indissociáveis, em todos os grandes criadores, têm, como consequência, isolamento, a incompreensão, as rupturas emocionais e as dificuldades de adaptação social, ditadas pelo imperativo de dar expressão aos ditames da liberdade interior.

A vida amorosa de Fernando Pessoa sofreu as suas consequências: Em carta de 29-9-1929, escreve a Ofélia Queiroz: «Gosto muito – mesmo muito – da Ofelinha. Aprecio muito a sua índole e o seu carácter. Se casar, não casarei senão consigo. Resta saber se o casamento, o lar, ou seja o que lhe queiram chamar) são coisas que se coadunem com a minha vida de pensamento. Duvido.»¹⁴

O sentimento de profunda incompreensão, desde a infância, é inevitável, apesar das boas relações familiares existentes: «Na minha família não há compreensão do meu estado mental – não, nenhuma. Riem-se de mim, zombam de mim, não me acreditam; dizem que desejo ser alguém extraordinário. Nada fazem para analisar o *desejo de ser* extraordinário. Não podem compreender que entre ser-se e desejar-se ser extraordinário apenas há a diferença de se acrescentar consciência a esse desejo.»¹⁵

De acordo com J. Segond: «O génio é, pois, exactamente e em todos os casos, consciente ou não, actividade racional»¹⁶. De todo este processo de racionalização, dá-nos conta Fernando Pessoa que escreve, em 1912: «Paro às vezes à beira de mim próprio e pergunto-me se sou um doido ou um mistério muito misterioso»¹⁷.

Os seus processos mentais são alvo da sua acutilante análise e crítica. Em 1908, escreve: «Uma das minhas complicações mentais --- horrível para além de quaisquer palavras --- é o medo da loucura, o que é, em si mesmo, loucura. Em parte encontro-me naquele estado..... de impulsos, uns criminosos outros dementes --- que chegam no meio da minha agonia, a uma tendência horrível para a acção, uma terrível «musculosidade», sentida nos músculos, quero eu dizer --- são em mim frequentes e o horror deles e da sua intensidade, agora maiores do que nunca tanto em número como em intensidade, é indescritível»¹⁸.

Denotando um pleno domínio das suas faculdades e da relação da sua loucura criativa com ausência de perturbações de comportamento que um estado realmente patológico poderia acarretar, afirma: «Contudo, não sou mau nem cruel; sou louco, e isso de um modo difícil de conceber»¹⁹.

¹⁴ Fernando Pessoa, *Correspondência 1923-1935*, ed. Manuela Parreira, Lisboa: Assírio & Alvim, 1999, p. 166.

¹⁵ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p. 71.

¹⁶ J. Segond, *O Problema do Génio (Le Problème du Génie)*, tradução de Marcos Viana, Coimbra: Coimbra Editora, 1968, p. 179.

¹⁷ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p. 106.

¹⁸ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p. 91.

¹⁹ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p. 103.

Nos escritos íntimos, detém sempre as rédeas dos seus medos. A sua loucura vai-se sempre transformando em arte. «O génio é poder racional, sob pena da sua obra não se produzir.», como J. Segond explicita²⁰.

Segundo Adolfo Casais Monteiro: A vocação literária acabaria por ditar o seu estilo de vida: «Pessoa delegou (...) toda a sua capacidade de vida numa obra; foi como que os alicerces em que essa obra assentava; apagou-se como homem, para se deixar ser, outro e outros, através dela.»²¹.

De acordo com Barahona Fernandes, uma grandes figuras da Psiquiatria portuguesa: «A *doença mental* foi sempre e ainda é hoje um dos acontecimentos mais perturbadores da vida do homem. O facto angustiante do «enlouquecer» - de poder faltar à pessoa o domínio de si mesma – da mente humanas e poder tornar «estranha» ao próprio – pode constituir uma autêntica «alienação espiritual do indivíduo.»²².

A lucidez de Fernando Pessoa é de uma acutilância extrema e está patente, não só na análise de si próprio como na sua criação literária, tendo-se mostrado capaz de gerir todo o seu génio.

A relação de Fernando Pessoa com o álcool, já aflorada pelo Dr. Roza Dias e a relação com a sua causa de morte, merece alguma atenção da nossa parte. Em livro recentemente publicado, Joana Amaral Dias escreveu o seguinte:

“ Durante décadas aceitou-se que Fernando Pessoa morrera de cirrose hepática, induzida pelos excessos alcoólicos. Mas esta tese foi contestada, nomeadamente pelo médico Fonseca Ferreira, que publicou um estudo sobre esta matéria. Para o clínico, quer a cirrose quer o alcoolismo estariam por provar e o poeta poderia ter falecido de outras causas, nomeadamente de pancreatite aguda.

A reforçar esta teoria estaria a própria obra de Fernando Pessoa que, mesmo nos últimos anos, não demonstra qualquer afectação das suas capacidades. Porém, Bréchon (1997:570) pergunta: «entre nós, Franceses, quem não sonharia com um Baudelaire sadio ou um Verlaine sóbrio, com um Genet honesto, um Céline resistente?» A questão é pertinente, na medida em que, se é possível que Gaspar Simões tenha pretendido ampliar um certo halo em torno da figura de Pessoa, é também de admitir que outros tenham procurado limpar a vida do poeta de todos os

²⁰ J. Segond, p. 180.

²¹ Adolfo Casais Monteiro, *A Poesia de Fernando Pessoa* (Org. José Blanco), Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2ª. ed., 1999, p. 55.

²² J. Pichot e Barahona Fernandes, *Op. cit.*, p. 317.

excessos e máculas, marcados pelo preconceito, pela ideia de que a doença, a loucura, os desvios, os abusos, mancham e diminuem a obra.»²³,

Sobre estas observações, convém esclarecer que o trabalho do Dr. Fonseca Ferreira segue uma metodologia rigorosa de análise dos dados de que dispõe e que os seus propósitos são exclusivamente clínicos. A sua revisão é bem fundamentada. A pancreatite alcoólica parece corresponder muito melhor à situação clínica de Fernando Pessoa, de acordo com os dados de que dispomos, do que a cirrose hepática²⁴.

É de notar que, entre as etiologias da pancreatite: litiásica, por cálculo biliar e a alcoólica (há ainda a pancreatite viral que não foi considerada), é para a pancreatite alcoólica que aponta, não fazendo qualquer sentido a interpretação de Robert Bréchon de que o objectivo do livro seria branquear o alcoolismo de Pessoa²⁵.

O estudo, além do rigor clínico, tem ainda o mérito de, tal como o título do livro indicia, *O hábito de beber no contexto existencial e poético de Fernando Pessoa*, chamar a atenção, de forma muito pertinente, para o acto de beber num contexto específico, ao retomar a antiga tradição da poesia persa, segundo a qual o vinho é revelador do conhecimento²⁶ O acto de beber é por ele encarado como forma de tornar consciente a inconsciência:

“Tem um outro universo o que está doente
Que o que está são. O mundo é haver gente.
Tudo flui, nada é certo. Bebe e sê
Inconsciente conscientemente.”²⁷.

A nota da ausência de perturbação das faculdades mentais provocadas pelos estados psicóticos, descritos pelos psiquiatras Jean-Pierre Olié, Christian Spadone (nota 12) é que se nos afigura correcta.

Outro factor a ter em consideração é o contexto sócio-cultural do acto de beber que é, de seguida, caracterizado pelo Dr. Roza Dias:

Será importante relembrar que, à época em que Fernando Pessoa viveu como homem adulto, ou seja aproximadamente de 1906 a 1935, os usos e costumes eram algo diferentes dos actuais, especialmente da dita elite cultural e modernista onde o Fernando se integrava. Assim

²³ Sobre este assunto, ver Joana Amaral Dias, *Maniacos de qualidade Portugueses célebres na consulta com uma psicóloga*, Prefácio de J.L. Pio de Abreu, Lisboa, Esfera dos Livros 2010, p. 280.

²⁴ Sobre este assunto, ver Francisco Manuel da Fonseca Ferreira, *O hábito de beber no contexto existencial e poético de Fernando Pessoa*, Porto: laboratórios Bial, 1995, pp. 154-164.

²⁵ Robert Brechon, *O Estranho Estrangeiro (L'Étrange Étranger), Uma biografia de Fernando Pessoa (Étrange Étranger; une biographie de Fernando Pessoa*, Christian Bourgeois Editeur, 1996)), tradução de Maria Abreu e Pedro Tamen, Lisboa: Quetzal, 1996, p. 570.

²⁶ Sobre este assunto, ver Mehdi Aminrazavi, *The Wine of Wisdom, The Life, Poetry and philosophy of Omar Khayyam*, Oxford: Oneworld Publications, 2007.

²⁷ Fernando Pessoa, *Canções de beber, Ruba'iyat na Obra de Fernando Pessoa*, Maria Aliete Galhoz (org., prefácio), nota prévia Halima Naimova, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, p. 78.

fumava muito tabaco forte e sem filtro, bebia café a rodos e bebidas alcoólicas com inclusão do «absinto» extremamente forte. Em compensação, por vezes, comia pouco, ou por não ter tempo, ou por não ter dinheiro!

Que conste, ninguém o viu ébrio mas, como sabemos pelo seu diário e pelas suas anotações, ou recados que enviava, tinha períodos em que se sentia debilitado ausentando-se do trabalho e do convívio, ficando alguns dias sem sair de casa. A maioria desses episódios poderiam estar relacionados com períodos de depressão, mas outros, seriam talvez por se sentir depauperado, sem ânimo ou forças ou causados talvez por certa hepatotóxicidade, que provoca astenia por *deficit* de tiamina (vitamina B1), pergunto-me?

Na época, os meios complementares de diagnóstico eram escassos e pouco eficazes. Muito provavelmente poderia já haver uma certa esteatose. Essa deficiência, o chamado «fígado gordo», é usual nos que abusam de bebidas alcoólicas. De qualquer modo a história clínica duma pessoa que em cerca de três dias se sente mal, é internada no hospital e morre, não é sugestiva duma cirrose hepática grave e descompensada que teria sido detectada há algum tempo por meios meramente clínicos como a alteração da cor da face e olhos pela presença de icterícia, a ascite, a célebre e conhecida «barriga de água», a emissão de urina muito escura, resultante da excreção aumentada de pigmentos biliares.

Caso suceda uma morte súbita, a causa será atribuída à ocorrência de um ou mais episódios de hematemeses e melenas, por hipertensão portal, caracterizada por vômitos brutais de sangue vivo e fezes diarreicas de cor preta, por sangue digerido, o que, ao que se saiba, não aconteceu, quando faleceu no Hospital de S. Louis. Todos estes sinais e sintomas são demasiado visíveis para terem passado despercebidos, mesmo para um Ginecologista, como era o Dr. Jaime Neves, seu primo, que o internou e seguiu, na fase final da sua vida.

É de notar que os laços familiares que uniam Fernando Pessoa à família, patente, inclusivamente na escolha deste primo para o tratar. Embora vivendo no seu mundo intelectual, Fernando Pessoa não estava, de forma alguma isolado de nós.

Foi ele que alugou a casa da Rua Coelho da Rocha, nº 16 (actual casa Fernando Pessoa), onde passamos a viver com ele e, quando estávamos no Estoril, ele ia-nos visitar todas as semanas.

Concordo com o meu colega Dr. Fonseca Ferreira quando afirma que a causa da morte com a dita evolução rápida, tenha sido provocada por uma pancreatite aguda cujo início é insidioso, mas rápido e actuar, e que se estabelece mais frequentemente em fígados gordos! Pode ter-se tratado de uma pancreatite necrosante, como aponta o colega, ou de uma pancreatite

até menos grave. Nessa altura, não havia medidas de suporte, não se tinha ainda instituído a administração de soros no controlo desta doença.

Fernando Pessoa é já um mito e tende a ser alvo de mistificação. Em relação à descoberta do corpo mumificado de Fernando Pessoa²⁸, o Dr. Roza Dias fornece-nos algumas informações tanatológicas no seu depoimento esclarecedor:

Para finalizar e talvez dar uma possível nota de «humer» muito ao gosto de Fernando Pessoa, embora se refira a um acontecimento deveras tétrico, vou tentar esclarecer uma notícia que deu brado, há alguns anos atrás, em todos os meios de comunicação social, tanto nos jornais como num filme exibido na TV pela RTP-1.

Informava-se, na dita notícia, que quando da preparação da trasladação dos restos mortais do poeta Fernando Pessoa do Cemitério dos Prazeres para o Mosteiro dos Jerónimos conforme determinação do Governo dessa altura, ao abrir-se o caixão verificou-se que o corpo de Fernando Pessoa estava intacto, impecável, como tivesse morrido na véspera!

A realizadora do filme que foi feito para dar a lume tão espantoso acontecimento, entrevistou o Escultor Lagoa Henriques que tinha executado a «Coluna-Mausoléu» a ser colocada no sítio indicado no dito Mosteiro e que tinha tido o cuidado de construir uma caixa dentro da dita coluna com as medidas certas para caberem todas as ossadas do poeta. O Lagoa Henriques afirmou que tal era verdade e, como tal, como não havia ossadas, o corpo fora colocado num caixão mais sumptuoso comprado pelo Governo e que tiveram de abrir um espaço no chão do Mosteiro dos Jerónimos para caber o dito caixão, colocando-se por cima a Coluna-Mausoléu.

O segundo a ser entrevistado pela TV foi o funcionário encarregado da trasladação do caixão que, como era a primeira vez que via o aparelho da TV apontado para ele, atrapalhou-se tanto que titubeou não dizendo nem sim nem não! A minha irmã foi também entrevistada, mas como não tinha ido ao cemitério assistir ao acontecimento referiu não ter estado presente, logo não poderia responder com certidão. E como o não fez duma maneira peremptória a entrevistadora referiu que a família não queria é que se desse notoriedade à notícia.

Agora o que foi estranho e mistificador (tanto à maneira dum Fernando Pessoa!), é que nem eu, sobrinho do poeta e representante da família na dita trasladação e que estive presente no Cemitério, assim como um assessor do Ministério da Cultura, que representava o Governo da altura e que também estive no Cemitério a assistir a toda a cerimónia comigo, não fomos entrevistados nem interrogados!!!

Na realidade o que deveras se passou?

²⁸ Joana Amaral Dias, *Op. cit.*, p. 282.

O caixão com o corpo de Fernando Pessoa estava depositado num jazigo da nossa família no Cemitério dos Prazeres. Eu e o tal assessor assistimos ao transporte do dito caixão, já um pouco deteriorado pelo tempo até à Capela do Cemitério. Aí, foi aberto e, como é do conhecimento de todas as pessoas, ou se não é, deveriam saber, um corpo quando é encerrado num caixão que vai ser colocado numa prateleira dum Jazigo, é primeiro encerrado num outro caixão de paredes de chumbo e tampa do mesmo metal que é soldada ao caixão de modo ao corpo ficar hermeticamente encerrado de modo a não contaminar o espaço circundante o que seria um perigo para a saúde pública dos visitantes do cemitério, sem contar evidentemente com o cheiro nauseabundo dum corpo em decomposição. Logo, e como é evidente, não vimos nenhum corpo intacto, mas sim um outro caixão em chumbo que não podia se aberto!

Só bastante mais tarde é que eu vim a conhecer o «melhor» da história pela voz do próprio Lagoa Henriques! Ele, que tinha tido todo aquele trabalho a calcular as dimensões da caixa para conter os ossos e que não sabia que o caixão contendo os restos mortais de Fernando Pessoa estavam num jazigo, e, mesmo quando o soube, não se lembrou que os caixões colocados em jazigos tinham sempre os corpos encerrado numa caixa de chumbo, acreditou piamente quando o dito assessor representante do Governo, amigo dele e gozador até mais não, lhe contou a patranha, em que o corpo estava intacto e que todo o seu trabalho de efectuar os ditos cálculos, não tinha servido para nada! Foi por isso que quando deu a entrevista à TV asseverou que na realidade o corpo do poeta estava incorrupto.

Quem se deve ter rido à sua maneira britânica, terá sido o meu tio lá no Zen onde mora.